

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

DEUSDETH BATISTA DE ARAUJO JUNIOR

OS MOVIMENTOS MIGRATORIOS BRASILEIROS
ENVOLVENDO AS REGIÕES NORDESTE E SUDESTE NA
SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

NATAL-RN
2006

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

DEUSDETH BATISTA DE ARAÚJO JUNIOR

**OS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS BRASILEIROS
ENVOLVENDO AS REGIÕES NORDESTE E SUDESTE, NA
SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX**

**Natal-RN
2006**

DEUSDETH BATISTA DE ARAÚJO JUNIOR

OS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS BRASILEIROS ENVOLVENDO AS REGIÕES
NORDESTE E SUDESTE, NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa
Histórica II, do curso de História da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
sob orientação do prof. Dr. Durval Muniz de
Albuquerque Júnior.

Aprovado em _____

**OS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS BRASILEIROS
ENVOLVENDO AS REGIÕES NORDESTE E SUDESTE, NA
SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX**

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa
Histórica II, do curso de História da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
sob orientação do Prof. Dr. Durval Muniz de
Albuquerque Júnior.

Prof. Dr. Helder Viana

Prof.ª Francine Azeiteiro Cirilo

DEUSDETH BATISTA DE ARAÚJO JUNIOR

OS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS BRASILEIROS ENVOLVENDO AS REGIÕES
NORDESTE E SUDESTE, NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa
Histórica II, do curso de História da
Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
sob orientação do prof. Dr. Durval Muniz de
Albuquerque Júnior.

Aprovado em ___ / ___ / ___.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior

Prof. Dr. Hélder Viana

Prof.^a Francisca Aurinete Girão

Natal-RN
2006

AGRADECIMENTOS

Mesmo sabendo que as palavras são insuficientes, agradeço.

Com respeito ao meu professor e orientador, nesta monografia, Durval Muniz de Albuquerque Junior, pela ajuda, pelas dicas, pela atenção e, principalmente, pela paciência durante todo o tempo em que trabalhei nesta monografia. Acima de tudo, você foi amigo!

Com carinho, a minha professora Francisca Auríneto, pela ajuda concedida no decorrer de todo o curso e pela incrível capacidade de unir eficiência, atenção e simpatia a todos quanto a ela recorrem.

Com afeto, aos meus amigos de curso: Lílian Alexandrina, Nazaré Alves Randel e Jean Káther, pelo apoio, pelas palavras de incentivo e pela ajuda.

Obrigada mesmo!!!

Dedico este trabalho à minha mãe,
pelas orações e pelos cuidados, e
ao meu pai (*in memoriam*), pela
ajuda e pelo apoio sempre
presentes.

AGRADECIMENTOS

Mesmo sabendo que as palavras são insuficientes, agradeço...

Com respeito, ao meu professor e orientador, nesta monografia, Durval Muniz de Albuquerque Junior, pela ajuda, pelas dicas, pela atenção e, principalmente, pela paciência durante todo o tempo em que trabalhei nesta monografia. Acima de tudo, você foi amigo!

Com carinho, a minha professora Francisca Aurinete, pela ajuda concedida no decorrer de todo o curso e pela incrível capacidade de unir eficiência, atenção e simpatia a todos quanto a ela recorrem.

Com afeto, aos meus amigos de curso: Lílian Alexssandra, Nazaré Alves Randel e Jean Kélber, pelo apoio, pelas palavras de incentivo e pela ajuda.

Obrigado mesmo!!!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 - RAZÕES PARA MIGRAR: o poder atraente do Sudeste e o 6 destacamento em o Nordeste	
2 - O ROTEIRO DO MIGRANTE	20
3 - A REMIGRAÇÃO	39
CONCLUSÃO	58
BIBLIOGRAFIA	61

A Deus a honra, a glória
e o louvor!

Este trabalho é uma análise feita a respeito dos movimentos populacionais ocorridos no Brasil, com ênfase no Nordeste e Sudeste, que se desenvolvem a partir do crescimento industrial brasileiro (meados dos anos 50 do século XX) e permanecem ocorrendo até os dias atuais.

INTRODUÇÃO..... 1

1 - RAZÕES PARA MIGRAR: o poder atrativo do Sudeste e o desencanto com o Nordeste..... 6

2 - O ROTEIRO DO MIGRANTE..... 20

3- A REMIGRAÇÃO..... 39

CONCLUSÃO..... 58

BIBLIOGRAFIA..... 61

INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma análise feita a respeito dos movimentos populacionais ocorridos no Brasil, envolvendo as regiões Nordeste e Sudeste, que se desenrolam a partir do crescimento industrial brasileiro (meados dos anos 50 do século XX) e permanecem ocorrendo até os dias de hoje. Estes movimentos populacionais, tendo como protagonistas o povo habitante do semi-árido nordestino e como destino destes, os estados do Sudeste brasileiro, é tema de diversos estudos e pesquisas desenvolvidos na historiografia brasileira. Na maioria deles, estes movimentos são interpretados como resposta aos problemas econômicos, sociais ou naturais havidos na região Nordeste e o desenvolvimento econômico mais consistente da outra região citada. Estes movimentos, embora existissem anteriormente, vêm a se intensificar a partir do século XX, principalmente após a década de 50 do referido século, em virtude do desenvolvimento industrial em ascensão nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, quando milhares de nordestinos "invadem" o Sudeste brasileiro em busca de emprego e melhores condições de existência.

Este movimento migratório intenso existente entre as regiões em questão atravessa as décadas subseqüentes e continua sensível hodiernamente, sendo que a partir da década de 1980, além de uma redução brusca nos movimentos migratórios, no sentido Nordeste-Sudeste, passa a ser constatado com maior intensidade o movimento inverso, ou seja no sentido Sudeste-Nordeste, não havendo porém alteração no que atine aos protagonistas, pois estes continuam sendo, em sua maioria, integrantes do povo nordestino.

Quais motivos ensejaram esse movimento inverso?

Por que a partir da década de 1980 é que isso se constata mais facilmente?

Por que os movimentos populacionais ocorridos no sentido Sudeste-Nordeste são compostos, em sua maioria, pelos mesmos nordestinos que um dia haviam deixado sua terra?

Me fazendo estes questionamentos, não pude encontrar obras que tratassem do assunto; somente algumas reportagens de periódicos, que mesmo assim tratavam o assunto superficialmente, limitando-se a apresentar números e dados estatísticos sem qualquer análise mais aprofundada da matéria, ^{razão} pela qual fui motivado a fazer um trabalho onde estes dados fossem melhor analisados e esclarecidos.

Desta forma busquei compreender as razões, as motivações dos nordestinos quando do retorno ao Nordeste, buscando saber se estas eram ligadas somente a questões econômicas ou se também diziam respeito a outras, e quais seriam estas outras questões.

Para tanto busquei depoimentos, materiais em periódicos e, principalmente, ^{quais?} ~~me~~ utilizei-me de diversas entrevistas que fiz com pessoas que haviam tido a experiência da migração e da remigração, além de ^{me} utilizar da bibliografia já existente, no que concerne a “migração inicial” e a forma em que esta se dava, para fundamentar este trabalho.

Embora possua três capítulos, ele pode ser dividido em duas partes: a primeira diz respeito às causas, às motivações que levaram milhares de nordestinos a deixarem suas terras de origem e se destinarem ao Sudeste brasileiro, e abrange as décadas de 1950, 1960 e 1970 do século XX. A outra parte se refere às razões e circunstâncias que ensejaram que estes migrantes fizessem o caminho inverso retornando ao Nordeste, e engloba as décadas de 1980 e 1990 do referido século.

No primeiro capítulo eu tento esclarecer que os movimentos migratórios fazem parte do contexto de diversas sociedades, em variadas épocas, exemplificando esta afirmação com o caso do Brasil. Após falar sutilmente da tradição da migração existente no nosso país, avanço no tempo e direciono o trabalho para as migrações objetos deste trabalho, fazendo

uma exposição do paradoxo existente entre as regiões em questão, traçando um paralelo, no que se refere à economia, entre o Nordeste decadente e o Sudeste ascendente, apontando a partir daí as principais causas que levaram os sertanejos do semi-árido nordestino a migrarem. Para tanto, ^{me} baseei em informações (ou métodos) de uma bibliografia ora tradicional, como é o exemplo da obra de Eunice R. Durham, “A caminho da cidade”, ora inovadora, como é o estudo de famílias e camponeses migrantes, feito por Marilda Aparecida de Menezes em seu “Redes e enredos nas trilhas dos migrantes”, onde ela se utiliza de cartas e depoimentos dos envolvidos direta ou indiretamente nas migrações.

Ao longo do segundo capítulo busco mostrar o processo migratório em si, falando desde o momento em que o sertanejo nordestino decide migrar até o momento em que este chega às grandes cidades industrializadas. Para melhor compreender este processo, divido-o em etapas: a tomada da decisão; o período de busca de meios para financiar a migração; as viagens e as condições em que eram realizadas; e a chegada ao destino. Para alcançar as informações necessárias para viabilizar este capítulo, fiz algumas entrevistas com pessoas que tiveram a experiência de migrar, o que foi imprescindível para a conclusão, não só deste capítulo, mas para o trabalho como um todo. Com todos os entrevistados tive sempre uma conversa informal e que não se deu em uma única ocasião, pois, por vezes entrei em contato com os mesmos, para complementar alguma informação que achava ser relevante para o trabalho. Estas entrevistas (que prefiro chamar de conversas) foram realizadas entre os meses de setembro de 2005 e maio de 2006.

No terceiro capítulo, falo da remigração, tema principal deste trabalho. Devido à escassez de fontes bibliográficas, tive algumas complicações para concluir este capítulo; mas se por um lado, o fato de haver pouca documentação referente a este assunto trouxe dificuldades para a obtenção de informações precisas neste trabalho, por outro, ele me

trouxe uma certa liberdade, que me possibilitou realizá-lo com a tranqüilidade de saber que eu não estaria simplesmente repetindo algo anteriormente produzido. Me baseio nas entrevistas feitas para fundamentá-lo e em dados estatísticos colhidos de periódicos ou de órgãos governamentais. Também, neste capítulo, traço um paralelo entre os momentos de desenvolvimento econômico, tanto do Nordeste quanto do Sudeste, e os movimentos de entrada e/ou saída de nordestinos no Sudeste brasileiro.

Uma dificuldade que enfrentei, desde o início da realização deste trabalho, foi a referente à pouca diversidade de informações que tratam do assunto. Embora haja uma quantidade considerável de obras que falam acerca dos movimentos populacionais havidos entre as regiões Nordeste e Sudeste do Brasil, as informações contidas nestas obras estão sempre voltadas para a questão econômica ou aos problemas naturais díspares das regiões em questão. Com a finalidade de fazer algo diferenciado, procurei enfatizar outros aspectos da migração, que não eram abordados com ênfase ou melhor atenção pelas obras e trabalhos que me foram acessíveis, o que tornou um pouco mais difícil a execução desta monografia. Estes aspectos não são necessariamente independentes dos aspectos focalizados pelos estudiosos do assunto, mas os deixam em segundo plano, como por exemplo as questões ligadas às emoções e à sensibilidade dos protagonistas desta monografia, os sertanejos migrantes.

CAPÍTULO I

Razões para migrar:

O poder atrativo do Sudeste e o desencanto com o Nordeste.

A migração é um fenômeno constante na história da maioria dos países, sejam eles socialistas ou capitalistas, desenvolvidos ou em desenvolvimento. A migração, apesar de ser uma prática antiquíssima, é sempre um tema atual, ela é inerente à história da humanidade e está presente como causa ou efeito de grandes acontecimentos da história mundial. Os motivos pelos quais ela ocorre são o mais variados possíveis, vão desde a necessidade de encontrar refúgio em tempos politicamente conturbados até a necessidade de encontrar melhores oportunidades e condições de sobrevivência. É importante salientar que as migrações se encontram articuladas em processos maiores, não se pode analisá-las sem, em vista, somente, motivos isolados, antes tem de ser levadas em consideração até mesmo os caminhos da política internacional desenvolvidos e forças em que elas ocorrem.

CAPITULO I

Razões para migrar

No Brasil, como ocorre na maioria dos países do "terceiro mundo", os movimentos migratórios sempre foram muito importantes. Desde a migração de indígenas da costa para que servissem de defesa contra os ataques de outros "gentios"; um pouco depois, vê-se o fato dos negros africanos serem forçados a migrar para um país desabitado e, mesmo, depois de serem chegado, muitas vezes, eles se tornam obrigados a migrar como fugitivos para lugares que pagavam menos impostos que aqueles em

1 - ROCHA, Maria Aparecida de. Razes e causas da migraçao. p.12.

2 - HOLLANDA, Sérgio Buarque de. Raças do Brasil. p.72.

CAPÍTULO I

Razões para migrar:

O poder atrativo do Sudeste e o desencanto com o Nordeste.

A migração é um fenômeno existente na história da maioria dos países, sejam eles socialistas ou capitalistas, desenvolvidos ou em desenvolvimento¹. A migração, apesar de ser uma prática antiqüíssima, é sempre um tema atual, ela é inerente à história da humanidade e está presente como causa ou efeito de grandes acontecimentos da história mundial. Os motivos pelos quais ela ocorre são os mais variados possíveis; vão desde a necessidade de encontrar refúgio em tempos politicamente conturbados até a necessidade de encontrar melhores oportunidades e condições de sobrevivência. É importante salientar que as migrações se encontram articuladas em processos macros; não se pode analisá-las tendo em vista, somente, motivos isolados, antes têm de ser levados em consideração até mesmo os caminhos da política internacional desenvolvidos à época em que estas ocorrem.

No Brasil, como ocorre na maioria dos países do “Novo mundo”, os movimentos migratórios perpassam toda a sua história. Sérgio Buarque de Holanda, registra o fato de que, já os portugueses, na tentativa de assegurar alguns povoamentos, forçaram a migração de indígenas da costa para que servissem de defesa contra os ataques de outros “gentios”²; um pouco depois, vê-se o fato dos negros africanos serem forçados a imigrar para um país desconhecido e, mesmo, depois de aqui chegarem, muitas vezes, eles se viam obrigados a migrar como fugitivos para lugares que julgavam menos inóspitos que aqueles em

1 – MENEZES, Maria Aparecida de. **Redes e enredos na trilha dos migrantes**. p.19.

2 – HOLANDA, Sérgio Buarque de, **Raízes do Brasil**. p.72.

que foram inseridos forçadamente. Internamente, durante toda a sua história, também foram freqüentes, por aqui, os fluxos migratórios, isso, devido ao fato de que a economia brasileira, durante muito tempo, permaneceu atrelada à terra, à agricultura, fosse esta para subsistência ou para exportação. Guimarães Rosa, em *Grande Sertão Veredas*, narra um caso emblemático desse hábito recorrente, principalmente, entre os camponeses do interior do Brasil:

*"Quem é pobre, pouco se apega, é no giro-o-giro nos vagos dos gerais, que nem os pássaros e rios e lagoas. O senhor vê: o Zé-Zim, o melhor meeiro meu aqui, risonho e habilidoso. Pergunto: - "Zé-Zim, por que é que você não cria galinhas de angola, como todo o mundo faz?" - "Quero criar nada não" - me deu resposta: - "Eu gosto muito de mudar...""*³

Em resumo: na história do Brasil, em fatos que remontam à época da colonização e perpassam todos os períodos seguintes, há registros de famílias ou grupos de pessoas que, constantemente, se transferiam de uma região à outra, dependendo das condições, mais ou menos favoráveis, a que estavam submetidas.

No entanto, as migrações internas que, costumeiramente, ocorriam no Brasil, eram isoladas, individuais, possuíam origens e destinos múltiplos; em melhores palavras, as migrações que, comumente existiam no Brasil, não ocorriam em massa, não possuíam um destino singular, anteriormente meditado e pré-determinado, elas se davam espontaneamente, sem que grandes transformações ocorressem na sociedade brasileira em sua decorrência.

As migrações internas, no Brasil, só passam a ocorrer com maior intensidade a partir da década de 30 do século XX, quando há uma série de mudanças estruturais na economia e na política brasileiras que leva à formação de um ambiente propício à mobilidade

3 – ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão Veredas*. p.39.

interna de mão-de-obra. É a partir desta década que a tradicional política econômica brasileira de exportação/importação passa a se voltar, sistematicamente, para o mercado interno, a indústria passa a se sobrepor à agricultura, trazendo, em decorrência destas modificações, conseqüências notáveis.

Estas mudanças econômicas ocorrem com maior expressividade nos estados do Sul (principalmente Rio de Janeiro e São Paulo), redefinindo, assim, as relações econômicas inter-regionais, mas mantendo os desequilíbrios advindos da economia exportadora, com a dominação nacional das economias do Sul.

A expansão do capitalismo industrial no Brasil, assim como em todas as partes, tem sido marcada por um movimento de urbanização que tende a concentrar uma proporção crescente da população em grandes metrópoles industriais. Esse fenômeno também está associado ao incremento das desigualdades regionais, e tanto o desenvolvimento econômico resultante da industrialização como a acentuação destas desigualdades entre as regiões implicam na formação de grandes correntes de migração interna, através das quais se processa uma maciça redistribuição de população⁴.

Para o Brasil, o processo migratório que se dá a partir deste momento é de fundamental importância, tanto do ponto de vista demográfico, como político, econômico e cultural. Experimenta-se, a partir de então, um movimento migratório interno jamais visto em outro momento histórico brasileiro que trará consigo, como conseqüências imediatas e inevitáveis, grandes transformações em todas as esferas sociais.

Vários fatores contribuíram para que esse movimento populacional acelerado sobreviesse ao Brasil nesse período. No âmbito político, uma nova fase nacionalista tomava conta do Brasil, procurava-se valorizar aquilo que o Brasil produzia, o que o Brasil possuía,

4 - DURHAM, Eunice R.. *A caminho da cidade*. p.19

almejava-se a integração de todas as regiões brasileiras, a fim de criar uma identidade nacional; no âmbito da economia, havia uma proposta de industrialização desenvolvimentista maciça do país, visando fortalecer o setor econômico e torná-lo mais “independente” das economias estrangeiras; no âmbito social havia mão-de-obra em excesso, principalmente em regiões empobrecidas (por exemplo, o Nordeste) e isso, há muito, se tornara um problema para o governo, que não sabia que providências tomar em relação ao referido excedente. Desta forma, as migrações surgiram como solução viável para diversos dilemas econômicos, políticos e sociais existentes no Brasil no período e, como era de se esperar, políticas de incentivo às migrações para os estados recém-industrializados foram, estrategicamente, implementadas pelo governo. Exemplo claro destas políticas de incentivo foi um decreto-lei do período que limitava a 1/3 o percentual de estrangeiros por empresas⁵, forçando assim o emprego da mão-de-obra nacional. Temos, então, a partir daí, de forma explícita, formado um fenômeno que se constitui em um indicador de desenvolvimento desigual, que separa as regiões de imigração das de emigração.

A implementação da industrialização no país a pouco iniciada, com a ajuda dos incentivos políticos que propalavam a fartura de empregos e as melhores condições de vida nos setores onde ela havia sido instalada, impulsionaram a saída de migrantes de vários estados brasileiros rumo aos estados do Rio de Janeiro e São Paulo (centros político e financeiro brasileiros, respectivamente) que eram pioneiros na recente industrialização brasileira, de modo que se tornaram em centros de convergência, onde todos os “brasis” se encontraram para o mesmo fim: dispor mão-de-obra para a crescente e promissora economia do “eixo” Rio - São Paulo. Entre esses dois pólos (imigração/emigração), há uma

5 - CAVALCANTI, Helenilda. *Movimentos migratórios na história do Brasil*. p.3.

assimetria de relações de força: os dominantes e os dominados. Essa relação de dominação está localizada no cerne do próprio princípio desta transferência, constituindo, sobretudo, o padrão de medida dessa dominação.⁶

Para se ter uma idéia do maciço movimento populacional existente nessa época, tomando como base os dados dos recenseamentos de 1940 e 1950 e analisando a população dos municípios mais populosos do Brasil, chega-se à conclusão que 84% do aumento populacional verificado nesta década se deu devido à migração, sob todas as suas formas.⁷

Embora os fluxos migratórios ocorridos a partir de então, sejam provenientes das mais diversas regiões brasileiras, os que vão, mais fortemente, marcar esse momento histórico são os fluxos originários dos estados nordestinos, devido à numerosa quantidade em que se deram, devido às fortes conseqüências por eles causadas e, principalmente, devido ao paradoxo econômico existente entre o Nordeste decadente e o eixo industrial ascendente.

As migrações nordestinas para os estados do Rio de Janeiro e São Paulo fazem parte de um contexto de desenvolvimento econômico e social adotado historicamente. O Nordeste vinha, sistematicamente, sofrendo golpes fortes em sua economia; já não era o tempo do progresso, de avanços e riquezas anteriormente experimentados, antes era uma época de empobrecimento, de atraso e em demasia conturbada, devido a diversos fatores que iam, desde o fato da região manter estruturas econômicas ultrapassadas, até o fato da região sofrer, pontuadamente, com problemas ligados à natureza.

6 - CAVACANTI, Helenilda. **Movimentos migratórios na história do Brasil.** p.1.

7 - Conselho Nacional e Estatística, 1954. p.76

Sabe-se que o semi-árido nordestino sempre foi uma região de muitas dificuldades, de economia frágil e de graves problemas sociais, no entanto, a faixa litorânea desta região durante muitos anos foi um centro econômico dinâmico, rico e de considerável importância para a economia nacional. A monocultura do açúcar, desenvolvida no litoral, sustentou durante séculos a atividade econômica da região e serviu como uma espécie de contraponto ao semi-árido pecuarista pobre, sendo, por muito tempo, um pólo atrativo de migrações sazonais ou definitivas por parte dos habitantes do interior do Nordeste. O grande dilema nordestino surge, ou melhor, se agiganta, quando este pólo que atraía migrantes, principalmente em tempos de grandes calamidades (secas), e que servia como “sustentáculo” econômico da região, passa a enfrentar sucessivas barreiras que inibem o seu crescimento e, conseqüentemente, o enfraquecem fazendo-o regredir sistematicamente.

Um dos principais problemas enfrentados pela monocultura litorânea foi a expansão da produção do açúcar de beterraba europeu que crescia gradativamente em detrimento da economia açucareira nordestina que declinava de maneira inversamente proporcional ao crescimento da “nova concorrente”. Outros problemas consideráveis eram a competição com ^{data?} Cuba, que recebera redução de 20% nas tarifas do mercado americano, além de gozar do fato de ser geograficamente privilegiada, e a política de proteção tarifária realizada pelos americanos em favor dos seus próprios produtores de açúcar.⁸ A partir dessa decadência verificada na economia açucareira nordestina, em relação aos habitantes do semi-árido, já não era plausível migrar para o litoral, pois o litoral já não oferecia boas oportunidades, antes os seus habitantes também já se mobilizavam em direção a regiões mais “promissoras”. Destarte já não, somente, o semi-árido nordestino consistia em um

⁸ - DENRLOW David - *As origens da desigualdade regional no Brasil*. In: *Formação econômica do Brasil* - organizadores - VERSIANE, Flávio Rabelo e BARROS, José Roberto Mendonça de. p.57

espaço brasileiro pobre e problemático, mas o Nordeste, como um todo, se tornara uma região cheia de graves dificuldades econômicas e grandes conflitos sociais, transformando-se num centro de emigração contínua e progressiva.

Pode se afirmar, também, que a industrialização que ocorria no Sudeste acelerou o processo de estagnação existente no Nordeste, exemplo disto foi o que ocorreu em relação à monocultura algodoeira, que experimentou um período de ascensão e prestígio no Nordeste no século XIX, sendo a única cultura que concorreu de forma marcante com o açúcar, em termos de exportação para o mercado internacional⁹; A monocultura algodoeira nordestina tinha grandes problemas ligados à infra-estrutura, o transporte lento de suas cargas eram um fator que contava negativamente em relação aos concorrentes externos e isto, aliado a outros fatores, não menos impactantes, foi responsável pelo atrofiamento das exportações desta cultura.¹⁰ Entretanto, embora com espaço reduzido no mercado internacional, a cultura do algodão continuou sendo importante para a economia nordestina, pois ela se voltou para o mercado interno e sobreviveu dele durante algumas décadas; sabe-se, porém, que com a progressiva nacionalização da indústria e do mercado interno, a manufatura e o artesanato nordestinos (ligados à cultura algodoeira) foram enfraquecidos diante da concorrência com as indústrias têxteis do Sul, aumentando ainda mais os problemas econômicos do Nordeste.

Mas os problemas existentes no Nordeste não se limitavam à esfera econômica; havia problemas em várias outras esferas, o que tornava crítica a situação da região; suas relações sociais, por exemplo, eram estruturadas em modelos ultrapassados que já não

9 - CAVALCANTI, Helenilda. **Movimentos migratórios na história do Brasil.** p.3.

10 - MACEDO Muirakytan K. de. **A cotonicultura no Rio Grande do Norte.** História do RN na WEB [*On-line*]. www.seol.com.br/rnnaweb/>

?

condiziam com a realidade e com os avanços experimentados pelo capitalismo que se encontrava em franco desenvolvimento no Brasil e no mundo. Predominavam no Nordeste, no âmbito econômico-social, relações pessoais tradicionais, onde se destacavam os grandes proprietários monopolizadores das terras, que mantinham com seus trabalhadores rurais relações assimétricas baseadas na troca de favores, na dependência pessoal, nas relações não assalariadas e na dependência política, onde a maioria está sob o domínio de uma minoria poderosa.

Em virtude da existência deste sistema, o Nordeste possuía milhares e milhares de camponeses desprovidos de terras que se sujeitavam às vontades dos seus senhores, detentores das terras, pleiteando sobrevivência. Para Paul Singer¹¹ essa é uma das causas determinantes dos movimentos migratórios, é o que ele denomina de *fatores de estagnação*, estes fatores se manifestam sob a forma de uma crescente pressão populacional sobre áreas cultiváveis disponíveis que pode ser limitada tanto pela insuficiência física de terras aproveitáveis como pela monopolização da maior parte das mesmas pelos grandes proprietários. No caso do Nordeste tanto havia o monopólio latifundiário como a carência de terras aproveitáveis.

Não obstante as relações assimétricas que se desenvolviam entre o senhor e os seus trabalhadores, estabelecendo papéis diferenciados e reconhecidos, a forma de dominação pessoal própria das relações de produção não capitalistas, serviam para camuflar desigualdades e práticas de exploração. Estas práticas comuns no Nordeste, não só eram anacrônicas, elas também impediam o desenvolvimento e o aperfeiçoamento das relações econômicas da região, pois estes regimes caracterizavam-se principalmente, pela grande

11 - DANTAS, Ibarê. *Coronelismo e dominação*. p. 15

concentração de renda, onde poucos tinham o poder de compra e a massacrante maioria sobrevivia da economia de subsistência.

O fato da maioria dos nordestinos sobreviverem desta modalidade de economia, a de subsistência, vai ser o principal fator propulsor de migração destes para o Sul do país, pois a este tipo de economia implica, dentre outros fatores de ordem natural, na dependência das condições climáticas - é conveniente e recomendável que a agricultura desenvolvida em uma determinada localidade se adeqüe as condições do clima por ela oferecidas - entretanto, o Nordeste insistia na introdução de culturas de difícil adaptação às condições climáticas existentes e do uso de técnicas de utilização dos solos não compatíveis com as condições ecológicas da região; tradicionalmente, os nordestinos cultivavam produtos que necessitavam de uma periodicidade de chuvas bem distribuídas, e isso é extremamente incompatível com a região, a saber, o Nordeste é uma região que possui uma área de 1.561.178 km², dos quais 841.261 km² são ocupados pelo semi-árido¹², que possui como principais características o clima seco e as chuvas esparsas, tal fato provocava crises sobre crises na sociedade, levando-a, periodicamente, a uma situação de calamidade social.

Estas calamidades, as grandes secas do Nordeste, que se davam devido à escassez de chuvas ou em virtude das grandes precipitações destas em curtos períodos, perpassam toda a história do Brasil, sempre acarretando graves problemas sociais e grandes comprometimentos da ordem pública, já que toda a atividade econômica da região se desorganizava na eventualidade das referidas secas. O que ocorria nestes períodos era o fato de existirem milhares de nordestinos inseridos na economia de subsistência baseada

12 - Fonte: ANA - Agência Nacional de Águas. www.ana.gov.br

numa agricultura que estava à mercê da improvável razoabilidade da distribuição das chuvas; como bem mais comum era a má distribuição destas, também era comum ver milhares de camponeses pobres, famintos e flagelados nos períodos mais intensos destas secas. Era nessas fases que crescia a criminalidade, o banditismo, a intensificação das migrações, esta última para quem estava cansado do cotidiano de perdas e frustrações e estava disposto a contornar a situação. Nesses períodos era de praxe a migração intra-regional que se dava em direção ao litoral e às cidades mais populosas e povoadas onde havia possíveis oportunidades em atividades não diretamente ligadas à natureza, ou se ligadas a esta, não tão influenciadas pela maior ou menor precipitação pluviométrica, como era o caso da cultura da cana-de-açúcar e do algodão. Porém, como já antes mencionado, estas culturas, que eram sustentáculos econômicos destas cidades de maior desenvolvimento na região, passavam por momentos de graves crises e outras saídas e soluções se faziam necessárias, é nesse momento que a migração inter-regional surge como escape.

Entretanto, seria engano afirmar que as migrações inter-regionais envolvendo os dois pólos: Nordeste x Sul, ocorriam somente em momentos críticos como os acima citados, pois com o advento do avanço do capitalismo industrial no Brasil, mesmo nos períodos em que a regularidade das chuvas era aceitável e os sertanejos comemoravam a possibilidade de enfrentar dias menos problemáticos em relação à agricultura, o grau de satisfação em relação ao cotidiano não era dos mais animadores... os tempos eram outros!

A crescente predominância da moeda nas relações econômicas tornava os camponeses insatisfeitos permanentes e os pressionava a procurar uma solução. Comida já não bastava; havia uma necessidade em expansão: a necessidade de adquirir produtos e de

utilizar serviços que só eram acessíveis por meio da moeda. A crise iminente dos meios de sobrevivência do pequeno agricultor aliada ao avanço da civilização industrial com todas as suas implicações faz com que o ele já não se satisfaça com o fato de, simplesmente, ter o que comer. O trabalhador do campo, agora, procura um emprego que lhe possibilite uma renda razoável para não se sentir excluído da sociedade em formação; essa renda precisa ser capaz de satisfazer suas novas necessidades, já que elas já não são correspondidas por meio do equipamento produtivo tradicional. O agricultor percebe que a produção campestre é cada vez mais insuficiente para satisfazer as necessidades de acúmulo de numerário, e é essa necessidade de moeda que força o nordestino procurar emprego como assalariado dentro e, principalmente, fora do seu lugar de origem.

Se por um lado tudo parece ruir no tradicional modo de vida do sertanejo nordestino, por outro lado, a cidade grande, industrializada, capitalista, oferece vantagens inimagináveis na vida do semi-árido: emprego assalariado bem remunerado, assistência médica, educação para os filhos e uma série de outras coisas não acessíveis no campo.

O que se nota é que a industrialização da região Sul se dá paralelamente e em grande parte provoca uma crise profunda na sociedade rural nordestina. Na medida em que o modo de vida rural, desta, se organiza em termos de relações de trabalho tradicionais e se configura num sistema pré-indústria, a industrialização, daquela, opera no sentido de desagregar a sua estrutura social, provocando uma crise nos seus meios de subsistência, o que efetivamente “expulsa” o trabalhador do campo em direção à cidade.

Parecia mesmo haver uma convergência de forças que induzia os camponeses nordestinos à migração para o lugar propagandeado como a localidade onde estes vários dilemas seriam resolvidos, onde estas necessidades seriam sanadas: o eixo, recém

industrializado do Brasil, Rio-São Paulo. Era para lá que, “naturalmente”, iriam se destinar milhares de camponeses nordestinos miseráveis em busca da solução para os conflitos a que estavam, há muito, submetidos.

CAPÍTULO II

O roteiro do migrante

Neste capítulo temo abordar as etapas enfrentadas pelos migrantes, desde o momento em que tomam a decisão de migrar até o momento de sua chegada, falando das dificuldades existentes neste processo. É neste capítulo que passo a me utilizar das informações prestadas por pessoas que viveram a experiência tema desta monografia, que foram essenciais à viabilidade deste trabalho.

Previdido por forças de transformação que afetam toda a sua existência, os trabalhadores rurais vivem distúrbios e violências do sistema tradicional de adaptação ecológica, sem poderes suficientes de suas oportunidades por serem presos a um equipamento cultural próprio. Soluções de um lado por suas necessidades, limitadas por outro por uma tecnologia pobre, o homem do campo é objeto de ações mais ou menos violentas com as quais a migração se apresenta como uma das

CAPÍTULO II

O roteiro do migrante

Diante de tal quadro e das poucas possibilidades de melhoria, o migrante migra.

Embora esta decisão, a primeira análise, parece difícil, sabe-se que ela é tomada na maioria das vezes, espontaneamente, sem grandes complicações. Porém, ela encontra entre as vertentes psicológicas, principalmente depois que chegam as primeiras notícias de sucesso dos que primeiro já haviam emigrado, na migração como uma meta, como um estado a

22 - MULLER, Carlos R. A condição da cidade. p.111

CAPÍTULO II

O roteiro do migrante

Neste capítulo tento abordar as etapas enfrentadas pelos migrantes, desde o momento em que toma a decisão de migrar até o momento de sua chegada, falando das dificuldades existentes neste processo. É neste capítulo que passo a me utilizar das informações prestadas por pessoas que viveram a experiência tema desta monografia, que foram essenciais à viabilidade deste trabalho.

Premidos por forças de transformação que afetam toda a sua existência, os trabalhadores rurais vêem destruída a viabilidade do sistema tradicional de adaptação ecológica, sem poderem aproveitar as novas oportunidades por estarem presos a um equipamento cultural precário. Solicitados de um lado por novas necessidades, limitados por outro por uma tecnologia pobre, o homem do campo é objeto de tensões cada vez maiores ante as quais a emigração se apresenta como uma das poucas soluções possíveis.¹³

Diante de tal quadro e das poucas possibilidades disponíveis, ele decide migrar...

E embora esta decisão, à primeira análise, pareça difícil, sabe-se que ela é tomada, na maioria das vezes, espontaneamente, sem grandes complicações. Pois era comum entre os sertanejos nordestinos, principalmente depois que chegavam as primeiras notícias de sucesso dos que primeiramente haviam emigrado, ter a emigração como uma meta, como um sonho a

13 - DURHAM, Eunice R. *A caminho da cidade*. p.111

ser realizado. Muitos aguardavam com ansiedade o dia em que poderiam despedir-se da vida ingrata que possuíam em direção ao “Sul-maravilha”, como apregoavam muitos. É o que se pode perceber em relatos como o do Senhor Rogério Lopes Siqueira, que migrou em 1972, para a cidade do Rio de Janeiro:

Eu fui pro Rio de Janeiro porque ir pra lá era o sonho de meu pai... o meu irmão mais velho, tinha ido antes, de caminhão (pau-de-arara), por que diziam que lá as coisas eram mais fáceis... meu pai ficou esperando o resultado... quando viu que ele já estava trabalhando e ganhando bem, decidiu ir com todo mundo!... foi eu, meu pai, minha mãe e meus irmãos... eu só tinha 8 anos... mas lembro da viagem... meu pai foi pensando na gente... lá dava pra viver melhor, era o que ele mais queria!” (sic)

Indagado a respeito da dificuldade em abandonar a terra natal e ir pra um lugar desconhecido, o Sr. Rogério conclui:

“Homem!... Quando pai soube que meu irmão estava bem, decidiu ‘logo de vez’ ir com todo mundo... Aqui não rendia!... Ele não pensou nem duas vezes... Já havia tentado demais a vida por aqui.” (sic)

Essa “facilidade” na hora de tomar a decisão de migrar, que se percebe em relatos como o que acabamos de observar, diferentemente do que eu supunha, quando do início deste projeto, é a regra; são exceções os casos em que alguém é resistente à migração. Havia um encantamento com o fato de migrar, e isso pode ser melhor compreendido quando se observa dois fatores: primeiro vale salientar que, desde que se constitui uma tradição de migração, inter ou intra-regional, que é justamente o que ocorre em regiões “desfavorecidas” como o semi-árido nordestino, ela, a migração, passa a ser vista e interpretada como uma saída “natural”

para os problemas enfrentados no cotidiano, o histórico de pessoas bem sucedidas a partir da experiência da migração colabora para que os camponeses vejam nela mais uma solução do que um problema. Problema é, na verdade, o que eles vivem continuamente; em segundo lugar, é importante considerar o fato de que, a maioria dos migrantes nordestinos, não vêm no resultado da migração uma situação irreversível, definitiva; eles enxergam, em sua maioria, a migração como uma espécie de escape temporário, que trará uma situação posterior mais confortável para eles e para os seus. O apego às raízes é refletido no anseio de retornar à terra natal após à migração, mas não é capaz de prendê-los a uma terra pobre e sem perspectivas...

“...Ah! meu filho, a gente só foi por causa do trabalho, por que era o jeito... mas eu morria de vontade de voltar pra cá, já fui pensando em voltar... a minha infância, papai, a minha família, tudo que fazia parte de mim tava aqui... lá era bom pra trabalhar, mas pra viver (faz expressão negativa)... aqui é melhor. O problema era que São Paulo estava muito à frente daqui, por aqui era tudo muito atrasado, parecia que a gente até vivia em outro mundo, por isso assim que deu, a gente foi...”(sic)14

“Não existe lugar melhor pra viver do que esse aqui; por mim, eu não ia nunca pra São Paulo, mas eu tinha que escolher entre ficar aqui e não sair do canto ou ir tentar a vida em São Paulo... lá já tinha emprego prometido pra mim. (sic)15

Tendo acesso a declarações como essas, depreende-se claramente que, apesar de não rejeitar as origens, os sertanejos nordestinos, uma vez que chegam à conclusão de que a

14 - Palavras da senhora Maria Varela de Brito (Lila), que migrou para São Paulo (capital), no ano de 1961, em entrevista concedida em fevereiro de 2006.

15 - Palavras do senhor Antônio Ribeiro da Silva, que migrou no ano de 1963, para São Paulo (capital), em entrevista concedida em março de 2006.

vida só vai mudar para melhor após a migração para o Sul, não medem esforços para concretizar esse desejo. A migração, pelo que pude apreender nas entrevistas que fiz, não intimida o sertanejo pobre, apesar do fato de não conhecerem quase nada acerca do destino em que pretendiam residir. Termos como industrialização, competitividade, arranha-céus, capitalismo, ao menos para aqueles com quem tive contato, eram, à época da migração destes, idéias vagas, conclusões obtidas a partir daquilo que se ouvia falar, mas que era absolutamente incompreensível, considerando a realidade em que estes se encontravam até então inseridos.

Questionando a respeito do impacto causado pela migração, ouvi respostas semelhantes. Todos deram a entender que a migração só vem a ser mais impactante na esfera sentimental. A partida, por mais esperada e consciente que fosse, sempre trazia comoção aos que a experimentavam. Sabia-se que o trajeto era complicado e as condições em que este se dava não eram as mais recomendáveis. À época, era comum ouvir falar de casos de pessoas que partiam e não mais se sabia do paradeiro, de outras que se acidentavam durante o trajeto e até morriam...

“Muita gente ia e voltava, ia e voltava e manda notícia... mas a maioria, ia de vez embora e ninguém nunca mais via... a gente não sabia nem se tinha chegado lá.” (sic).¹⁶

Um outro agravante era o fato de que os familiares remanescentes no lugar de origem, passavam por momentos de dificuldades ainda maiores na ocorrência da partida de um dos seus integrantes, isso devido aos “investimentos” que eram necessários para a efetivação da migração, e quem partia estava consciente da situação a que se submeteriam os que ficassem. O peso da responsabilidade que sentiam (era como se fossem a aposta da família)

¹⁶ - Palavras do Senhor Rogério Lopes Siqueira, que migrou para a cidade do Rio de Janeiro no ano de 1969, em entrevista concedida em dezembro de 2005.

aliado à consciência das circunstâncias que a família teria de enfrentar, eram causas de grande comoção.

Mas, apesar de todos os impactos financeiros, sentimentais, e até sociais, que decorriam das migrações, estas se davam de forma sistemática e aumentavam gradativamente, com grande rapidez. Esta constatação se explica pelo fato de estarem os sertanejos nordestinos, submetidos a situações muito precárias e, principalmente, pela divulgação excessiva do contraponto que era o sul industrializado.

Mas os fluxos migratórios eram impulsionados também por outros fatores. Sabe-se que nem todos os migrantes da região em questão, provêm do proletariado rural; bom número deles compõe-se de migrantes pertencentes a outras classes sociais, são exemplos destes: os artistas, os comerciantes, os grandes proprietários; estes migram por outros motivos, e também, o fato de migrarem não os fazem perder sua condição de classe; também é importante citar o fato de que, com o tempo, a migração ao Sul industrializado, mesmo nas classes subalternas, passa a não ser apenas a solução para os problemas econômicos existentes na região. A migração uma vez corriqueira e habitual, passa a ser uma solução natural para todos os tipos de problemas, inclusive para as tensões características do próprio funcionamento "normal" da vida tradicional. Conflitos familiares, desorganização do grupo doméstico por morte ou abandono de um dos cônjuges, que sempre foram fontes de tensão da vida comunitária, passam a ser resolvidos pela emigração das pessoas envolvidas. Entretanto, não é minha pretensão, aqui neste trabalho, me ater a estas outras motivações que levam à migração, o meu objetivo aqui é falar da migração como resposta aos problemas criados pela estrutura da sociedade nacional, sobretudo nordestina, e que são fundamentalmente econômicos. Estes foram os problemas que mais levaram os sertanejos nordestinos a migrarem e prova disto é a constatação de que é bem maior o número de migrantes para o "eixo" Rio-

São Paulo, em momentos de graves comprometimentos na área sócio-econômica dos habitantes do semi-árido nordestino, como eram os períodos de longa estiagem que freqüentemente atingiam a região Nordeste. Nos períodos em que ocorriam as grandes secas, que provocavam a esterilidade do solo da região e o conseqüente empobrecimento dos que dele dependiam, direta ou indiretamente, o número de emigrantes mais que duplicava, a saber, os grandes períodos de estiagem no Nordeste sempre foram épocas responsáveis pela “expulsão” dos seus habitantes para as demais regiões brasileiras e as grandes secas ocorridas nos anos coincidentes com a expansão acelerada da industrialização do Sul do país, mais precisamente as que incidiram nos anos de 1932, 1942, 1951/53, 1958, 1966, 1970¹⁷, foram responsáveis pela instauração de uma “procissão” de milhares de desprovidos de bens, em direção aos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo.

O governo federal instituía políticas pouco eficazes de atuação no combate aos efeitos das secas, como a instituição de órgãos e a adoção de medidas paliativas, mas essas políticas, não raras vezes, acabavam esbarrando em um, já anteriormente citado, grave problema social existente no Nordeste, o domínio dos grandes proprietários de terra. Sabe-se que estes se utilizavam de toda a sua influência no âmbito federal, estadual e municipal para obter benefícios advindos destas políticas, desviando muitas vezes o que devia ser aplicado na agricultura ou em reservatórios de água para setores diversos destes e em seu próprio favor; esse fator contribuía para que pouco ou quase nada mudasse na situação em que se encontravam as muitas vítimas da secas.

Com esta situação, irremediável, ao menos em curto prazo, crescia nos sertanejos nordestinos, talvez inconscientemente, um sentimento de desânimo, de

17 - ARAÚJO, Tarcísio Patrício; SOUZA, Aldemir do Vale; LIMA, Roberto Alves..Nordeste: economia e mercado de trabalho.

desesperança, mais que isso, um sentimento de revolta, que culminava no desejo forçado de abandonar, definitivamente, esta situação...

*... o governo não fazia nada pros pobres, a gente não tinha como trabalhar, não tinha em que... Quem morava no interior era pior ainda, não tinha nem trabalho, nem terra, nem o que comer... vinham pra cá (referindo-se à Natal), mas aqui não era muito diferente não... por isso muita gente ia embora, pra deixar de sofrer.*¹⁸

Observando declarações como esta podemos deduzir que, em muitos casos, migrar não é o fato de somente se transferir para uma localidade mais vantajosa por ambição simplesmente; migrar é exercer o desejo de mudar, de não se conformar!

No entanto, esta “mudança” pretendida, não se dá facilmente; como já citado anteriormente, a decisão de partir rumo ao Sul, devido às circunstâncias nas quais se inserem, não é difícil de ser tomada, mas podemos dizer que as facilidades relacionadas a ela param por aí. A migração implica uma série de etapas a ser vencida:

A primeira desta série de etapas a serem ultrapassadas quando se pretende migrar, é a referente à necessidade de angariar recursos para o deslocamento. Era preciso dinheiro para pagar as passagens, para bancar o sustento no trajeto com alimentação e higiene, já que a viagem durava dias; isso sem poder se descuidar da manutenção do restante da família que, ao menos inicialmente, permaneceria no lugar de origem. Era exigir muito de quem quase nada possuía. Nessa etapa era comum vender o pouco que tinham, fosse um pedaço de terra ou algum animal de criação; também era comum tomar

18 - Declaração obtida na entrevista com o senhor Rogério Lopes Siqueira.

empréstimos com alguém um pouco mais abastado; era necessário trabalhar dobrado para dar conta do exigido, e trabalho para tanto, não havia; se houvesse, não migrariam.

A saída mais plausível era a que mais comumente ocorria: a família inteira juntava esforços para que a migração fosse financiada. Aliás, essa ajuda mútua era um dos fatores que inflacionavam o número de migrantes. Era comum migrar primeiramente um membro da família, financiado por ela própria, em conjunto, e depois este financiar, ou ajudar no financiamento da ida dos demais, fosse mulher, filhos, parentes próximos, apadrinhados, como o já citado caso do Sr. Rogério.

Caso semelhante é o do Sr. José Augustinho de Brito, que juntamente à sua esposa, migrou no ano de 1961, do estado do Rio Grande do Norte em direção ao estado de São Paulo:

“Todo mundo ajudou... seu Manel (sogro), eu, Lila (forma como se refere à esposa), meu pai... A gente, primeiro, foi pra Petrolina (cidade do estado de Pernambuco), pra casa de Marli (irmã da esposa), lá a gente trabalhou algum tempo, até juntar o suficiente para ir pra São Paulo...” (Sic)

A narração acima evidencia, além da ajuda mútua referida, uma outra forma de se chegar ao destino pretendido quando não se tem recursos suficientes para nele chegar em uma única viagem. É uma espécie de “migração com escala”, onde o migrante fica temporariamente em localidade diversa da pretendida, para que em um trabalho também temporário, possa viabilizar o sonho de se chegar ao lugar que deseja. Nestas “escalas” é comum, de acordo com informações obtidas nas entrevistas, o migrante terminar por nelas se estabelecer, “esquecendo” o destino original, devido ter encontrado “no meio do

caminho”, como falou o senhor Augustinho, oportunidades de se obter melhores condições de vida.

De uma forma ou de outra, até mesmo de forma desonesta, como ouvi citar nas entrevistas que fiz, aqueles que pretendiam migrar, encontravam um meio de viabilizar o deslocamento, mesmo que para isso tivessem que se dispor a enfrentar verdadeiros sacrifícios. Porém muitos, por razões estritamente econômicas, nunca conseguiram providenciar o financiamento para que pudessem efetivar a migração...

...Eu agradeço a Deus por ter conseguido ir, tinha muita gente que lutava, lutava, lutava e nunca conseguia ir pra São Paulo. Tinha gente que queria ir, bem antes da gente pensar em ir também... a gente foi, voltou pra visitar papai, e eles ainda estavam vendo se conseguiam um jeito de ir pro Sul também.” (sic)¹⁹

Outros porém, não tinham qualquer dificuldade para angariar recursos...

...Eu não!!! (responde taxativamente Sr. Antônio Ribeiro, quando pergunto se teve dificuldades para angariar recursos para financiar a viagem, e continua...), eu fui de avião, acho que na época era a “Vasp”, quando eu fui, só tinha eu aqui em Natal, meus irmãos, minhas irmãs, meus pais, já tava todo mundo lá, eles é que pagaram pra eu ir.”

O Sr. Antônio é exceção, a regra era a dificuldade, e para os que tinham o privilégio de angariar os recursos que eram imprescindíveis ao deslocamento e venciam esta primeira etapa, se colocava imediatamente à frente a nova fase a ser transposta: o trajeto em si. Além do longo itinerário que tinham pela frente, os meios de transporte de que dispunham

¹⁹ - Palavras da Sr^a Maria Varela (Lila)

para percorrê-lo não lhes davam as condições mínimas de conforto, segurança e higiene. Foram nestes percursos que se tornaram célebres os caminhões “pau-de-arara”, transporte de migrantes feito por caminhões de carga, precariamente adaptados para o transporte de seres humanos. Até mesmo a conclusão da Rodovia “Rio-Bahia” em 1949, que veio a facilitar bastante as migrações, no que se refere às condições das estradas, foi capaz de acabar com os problemas existentes nestes deslocamentos. Referidas viagens, até hoje são lembradas como um dos episódios mais marcantes e tristes da história do Brasil. O fato de ser, os caminhões “pau-de-arara”, um meio de transporte muitíssimo utilizado nas migrações de nordestinos para as cidades recém-industrializadas do Brasil, não ocorre devido ao fato de não haver outras espécies de condução para estes, mas em virtude de que os demais meios existentes eram demasiadamente caros, não sendo, desta forma, condizentes com a realidade dos sertanejos migrantes, que eram “obrigados” a serem transportados nestes caminhões, enfrentando chuva, calor e demais adversidades comuns nestes deslocamentos.

Os trechos da narrativa de uma jovem maranhense migrante, retirados da *Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, é uma demonstração bem detalhada das condições enfrentadas pelos usuários dos “pau-de-arara”, por ocasião da migração:

“... nós morávamos no Maranhão. Era uma cidadezinha pequena, sem nada. Não tinha luz, nem água, nem asfalto. Meu pai vendeu seu pedaço de chão, arrumou tudo e viemos para São Paulo... Ele sonhava com coisa melhor para a família, aquela miséria de lugar onde morávamos dava desgosto no pai. Conhecidos já tinham vindo e escrito para vir que tinha emprego para todo mundo...”

...Depois de tudo vendido, acertou o pagamento com o dono do Pau-de-Arara para a viagem. Isso é um caminhão com três ou quatro bancos na carroceria e coberto por uma lona. Dá para viajar umas vinte

... pessoas, contando com as crianças que eram pequenas. Na boléia ia o homem que organizava a viagem junto com o motorista. Interessante que se aparecesse alguém do Sul pedindo carona, o motorista mandava o outro homem para baixo da lona e o carona ia à boléia. As crianças sentadas nos bancos iam para o chão, deixando o homem sentar. Se as crianças estivessem dormindo no banco, alguma mulher sentava no chão da carroceria para dar lugar ao homem. Que viagem dura! Foram muitos dias, parando em bar de estrada, posto de gasolina, que eram poucos, vilarejos pobres. Quando alguém ficava doente, por causa da comida, tinha de esperar passar a diarreia, às vezes perdia o dia todo. Um calorão, criança chorando, homens reclamando e as mulheres tentando resolver com chá, ervas... O que achavam pelo caminho...²⁰

Este relato retrata de maneira resumida os diversos pontos que tornam o itinerário do migrante num verdadeiro conjunto de fatores marcantes em sua vida. Podemos retirar deste breve relato pontos como: a pobreza de recursos materiais dos que experimentam essa viagem, o sentimento de humilhação frente às pessoas do Sul e o desconforto extremo oferecido nas viagens.

Porém pude perceber através do relato da Sr^a Maria Varela, que as agruras destas longas viagens não se restringiam aos que eram conduzidos nestes caminhos...

“A ida foi horrível! A gente foi de ônibus, mas os ônibus de antigamente não eram iguais a estes de hoje não... era quase que um caminhão pau-de-arara, a diferença era que era fechado e ninguém levava chuva, mas parecia que você tinha levado uma surra... você chegava quebrado, moído... os ônibus eram velhos e as estradas só tinham buracos...”

Entretanto não é correto afirmar que todos os migrantes sofriam demasiadamente com este trajeto e com as condições oferecidas pelos meios de transporte que lhes eram acessíveis. Pois é correto dizer que, a maioria dos que migravam, não tinham como paradigma um meio de transporte que lhes proporcionasse maior conforto, e suas vidas eram tão cheias de problemas semelhantes, que aquilo que enfrentavam no percurso da migração não se diferenciava muito do que vivenciavam no seu cotidiano, antes, estar em um pau-de-arara ou mesmo em um ônibus, dava uma certa sensação, inconsciente, de que o pior já havia passado, e a viagem em tais condições era enfrentada como se fosse a última face da dolorida vida que deixavam para trás. Além do fato de que a maioria dos nordestinos sertanejos pobres já eram, pode-se assim dizer, habituados a serem transportados em caminhões “pau-de-arara”, era neles que a população carente se locomovia para as cidades vizinhas quando iam a feiras ou eventos religiosos (aliás isso ainda pode ser visto nos dias de hoje), o que diferenciava, agora, era a extensão da viagem, que durava dias e conseqüentemente acentuava os efeitos das péssimas condições oferecidas por referido tipo transporte. A expressão: que viagem dura! dita de maneira enfática pela referida jovem maranhense, pode ser interpretada como o ponto de vista de uma pessoa que, devido ao fato de já estar a algum tempo estabelecida em uma situação que lhe proporciona um certo conforto, já pode fazer uma comparação entre o que vivencia em seus dias atuais e o que vivenciou na oportunidade da migração, mas aos que estão na ocorrência da migração, isto, na maioria das vezes, não é possível.

Para alicerçar o que ora comento, exponho as declarações do Sr. Rogério, que migrou para a cidade do Rio de Janeiro em 1969, de ônibus:

“...esse negócio de que a viagem é ruim demais, não existe!...a única coisa ruim era que demorava muito pra chegar... eu queria era chegar logo!... todo mundo falava que

no Rio (de Janeiro) era bom pra trabalhar... mas a viagem não era ruim demais não... só em pensar que eu ia melhorar..." (sic)

Ao que se nota, em casos como o do Sr. Rogério, é o fato de que as esperanças em relação ao que viria eram maiores e se sobrepunham a qualquer desconforto físico ou psicológico a que este estivesse submetido. E era assim na maioria das vezes. O fascínio exercido por grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo em relação aos nordestinos migrantes era imenso, mesmo que as "coisas do Sul" fossem complicadas demais para a compreensão destes; mediante os relatos obtidos nas entrevistas que fiz, por mais que se ouvisse, à época, falar do modo de vida, dos meios de transporte, dos trabalhos, das grandes empresas e demais coisas existentes nas metrópoles para onde se destinavam, jamais lhes seria possível entendê-las sem que, de fato, conhecessem tais localidades. Elas eram diferentes demais de tudo aquilo a que eles estavam acostumados a experimentar no cotidiano do sertão, ou mesmo em uma capital pequena como era o caso de Natal. Indústrias, arranha-céus, novas tecnologias, nada disso possuía correspondente comparável no local onde habitavam, tudo, portanto, que podiam imaginar a respeito era baseado em informações de terceiros, em cartas de outros migrantes, tudo muito subjetivo. E não se pode, pelo grau de subjetividade contido nas declarações dos migrantes, entender o que, na realidade, imaginavam. Talvez seja suficiente tentar entender que o Sul era para eles, o lugar onde seriam encontradas as soluções para os seus mais diversos problemas, da forma mais rápida e viável possível.

Talvez por esse motivo, a viagem que para muitos habituados ao conforto, pode ser tão sofrida, não exercia muita aversão aos sertanejos nordestinos. Algo que se nota nos comentários dos migrantes em relação ao que era sentido na viagem, e que pode se

relacionar a sofrimento, eram a dor de ter deixado um ambiente acolhedor e afetuoso para entrar em um outro cheio de incertezas e coisas desconhecidas, como pode ser visto na seguinte declaração, feita pelo Sr. Augustinho:

“...eu lembro que na viagem muita gente chorava se lembrando do que tava deixando pra trás... tinha gente que se arrependia dentro do ônibus, mas não tinha mais como voltar, já tava lá! “

A partir de relatos como esse, é mais correto afirmar que os sentimentos de saudade, ansiedade, de arrependimento e insegurança, ou mesmo medo do desconhecido, proporcionavam mais dor e sofrimento aos migrantes do que as condições a que estavam submetidos durante o trajeto, em virtude dos meios de transporte ou das mudanças bruscas do clima, ou de outra condição qualquer. Não quero dizer com isso que fatores físicos, como a fome sentida durante as longas viagens, não fossem também responsáveis pelo sofrimento experimentado. Quero dizer que fatores como fome, sede, calor excessivo, dores, não são exclusividades destes deslocamentos, pois, como é sabido, o sertanejo nordestino pobre convivia diariamente, em sua dura realidade, com estes problemas.

Depois de dias vivendo com uma mistura de sentimentos, que ia desde a vontade de vencer ao medo de enfrentar a nova e desconhecida realidade que estava por vir, finalmente se chega ao destino tão aguardado. E é no momento da chegada que o nordestino encontra outra barreira a ser vencida, essa bem mais psicológica do que física, bem mais espiritual que financeira, mas não menos difícil e bem mais subjetiva do que as primeiras. Essa nova barreira imposta ao migrante nordestino está dentro dele mesmo, o medo. O medo de não se adaptar, medo do desconhecido, medo do fracasso! É difícil, pela

imprecisão das informações concedidas nas entrevistas, falar da reação imediata dos migrantes ao chegar e se deparar com uma realidade tão diversa das suas. Certo é que havia um choque, choque social, cultural, bem como é possível afirmar que um forte sentimento de inferioridade atingia os migrantes nordestinos recém-chegados às grandes cidades do centro-sul do país. Este complexo de inferioridade, aliás, em alguns casos tendia a aumentar com o passar do tempo. O Sul industrializado do país irradiava progresso para as demais áreas geográficas brasileiras, e os que lá chegavam estavam, no mínimo, inconscientemente certos de que o progresso estava lá e que eles, até então, se encontravam inseridos em uma espécie de estágio de desenvolvimento inferior.

“... Quando o trabalho era novo (desconhecido), a gente ficava com medo de fazer as coisas erradas, deles acharem que agente é matuto, burro... de mangarem d’agente... mas depois a gente se acostumava e até ficava amigo deles... o negócio é ter vontade de aprender e fazer certo..”²¹. (sic)

... A gente foi com trabalho certo, mas meu medo era de ficar sozinha em casa... logo quando agente chegou, eu não conhecia nada, tudo era novo e tinha também muito medo de roubo, assalto... quando a gente estava aqui, diziam que lá era muito violento!”²²

Esta barreira, a da adaptação, era vencida com o tempo, com a obstinação de “vencer na vida”, com a disponibilidade de mostrar, através do trabalho, que ele também era um ser igualmente capaz:

21 - Palavras do Senhor Rogério Lopes

22 - Palavras da Sr^a. Maria Varela

1 “...Muita gente nortista chegava lá sem nada, todo com vergonha, mas trabalhava! E se você for lá hoje, vai ver que tem paulista que é empregado dele.²³ (sic)

Entretanto, também não seria correto afirmar que esses receios incidiam de forma generalizada em todos os que migravam. Para outros, o medo de não conseguir atingir as expectativas inexistia, muitos acreditavam com grande convicção que nestas grandes cidades estavam sua realização, seu futuro melhor, sua grande oportunidade, e pensamento negativo ou sentimento similar não faziam parte daquilo que esperavam e planejavam.

Um outro contratempo enfrentado pela maioria dos recém-chegados às grandes cidades é a constatação da existência de um sentimento, nada positivo e estimulante, existente por parte dos naturais destes grandes centros em relação aos migrantes: o preconceito. A ocorrência deste fato, certamente, é um dos principais fatores que alimentam nos migrantes o anseio de retornar à sua terra natal, como veremos mais detalhadamente no próximo capítulo. Porém, da mesma forma, não se pode generalizar e dizer que a ocorrência de preconceito atinja fortemente a todos os migrantes...

“Eu nunca sofri nenhum tipo de preconceito, ninguém me olhava diferente pelo fato de eu ser daqui (Rio Grande do Norte), a gente, quando foi, ficou na casa de um italiano que era casado com uma mineira... lá tinha muito mineiro... eles tinham condições, mas nunca destratarem a gente por causa de nada... e os cariocas mesmo, também não olhavam diferente pra gente não²⁴. (sic!)

23 - Palavras do Sr. Antônio Ribeiro

24 - Declaração obtida na entrevista feita com o Sr. Rogério Lopes

talvez haja um certo exagero na declaração do Sr. Rogério quando ele afirma nunca ter percebido um tratamento diferenciado por parte dos seus patrões ou por parte de qualquer outra pessoa, ou talvez o fato de ele ter se estabelecido, juntamente com a sua família, na residência de outras pessoas que também não eram naturais daquela localidade (um imigrante estrangeiro e uma migrante mineira) tenha amenizado o sentimento de “sou um estranho no ninho” que permeava a grande maioria dos demais migrantes, ou ainda pela possibilidade de ser ele, menos sensível a este tipo de sentimento. Mas o fato é que o preconceito e a discriminação existiam sim, em maior ou menor grau, dependendo esta variação da localidade aonde chegava o migrante. Se este chega a um lugar onde a presença de migrantes é maciça, conseqüentemente a ocorrência de preconceito diminui, como ocorria no “Bairro do Bexiga”, em São Paulo, que possuía um elevado número de migrantes, sobretudo estrangeiros. Da mesma forma se o migrante aporta numa localidade onde ele é minoria, como conseqüência inevitável, a incidência de preconceito seria bem mais elevada e sensível, principalmente se este fosse advindo dos estados do Nordeste.

...”Nordestino em São Paulo não é gente igual... eu cansei de brigar, briga mesmo! Com muitos deles. Queriam ser muita coisa, mas eles não tinham nada. Quem tinha era os judeus, os japoneses, os italianos... eu cansei de dar bife pra paulista na hora do almoço... eles só tinham arroz branco pra almoçar e eu não!” (sic)

Pelo tom de voz do Sr. Antônio quando prestou esta declaração, percebe-se ainda visivelmente as mágoas de quem não admitia ser inferiorizado em virtude de sua naturalidade.

Dentre a multidão de migrantes nordestinos que se instalam nas metrópoles industrializadas do Brasil, muitos são os que nunca vencem esta última barreira e jamais se

adaptam a tão diferente forma de vida ali imperante. São estes, a maioria dos que retornam à terra de origem. Outros diferentemente se adequam tão bem à nova realidade que não somente se estabelecem em definitivo por lá, como também incitam outros, familiares ou não, a fazerem o mesmo, sendo este um dos principais motivos que levam milhares de migrantes, especialmente nordestinos, a se “aglomerarem” nos grandes centros urbanos industrializados do Brasil (São Paulo e Rio de Janeiro), principalmente nas décadas de 50, 60 e 70 do século passado. A partir da década subsequente do mesmo século, a de 1980, o intenso movimento migratório, tendo como destino os referidos centros, passa a ser gradativamente alterado. Os motivos da desaceleração de tal movimento e até mesmo do seu funcionamento inverso é objeto do capítulo que segue.

CAPÍTULO III

A remigração

Neste capítulo pretendo apontar e discutir os prováveis problemas que levaram muitos migrantes nordestinos a retornarem para suas terras de origem, fenómeno que embora sempre tenha existido, passou a ser mais facilmente percebido após a década de 1960, época de estagnação económica no Brasil. Para tanto, volto a utilizar as entrevistas que fiz, pois que todos os meus entrevistados são pessoas que experimentaram a migração e que depois de determinado tempo, por motivos diversos, retornaram ao Nordeste. Devido ao facto de ser, com frequência, muito recente, pois estamos no período em que ele ainda está ocorrendo sensivelmente, utilizei ~~o~~ bastante material de periódicos, em virtude da dificuldade de ser encontrada bibliografia referente ao assunto. Resolvi, para melhor compreender o fenómeno inverso de migração, fazer uma visão geral das décadas iniciando com a de 1930 — que foi a década onde as migrações de nordestinos para as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, deixou de ser pontual e passou a ser contínua e progressiva) e relacionar a situação económica do período, com o Nordeste (como de costume brasileiros, com o aumento ou a redução dos fluxos migratórios entre as regiões). Ao fazer esta curta observação dos dados, os quais me ateno principalmente às questões mencionadas, faço uma descrição com algumas reflexões a respeito das outras motivações ocasionais do retorno dos nordestinos aos seus locais originais e que são simplesmente económicas.

CAPÍTULO III

A remigração

Neste capítulo pretendo apontar e discutir os prováveis problemas que levaram muitos migrantes nordestinos a retornarem para suas terras de origem, fenômeno que embora sempre tenha existido, passou a ser mais facilmente percebido após a década de 1980, época de estagnação econômica no Brasil. Para tanto, volto a utilizar as entrevistas que fiz, posto que todos os meus entrevistados são pessoas que experimentaram a migração e que depois de determinado tempo, por motivos diversos, retornaram ao Nordeste. Devido ao fato de ser, este fenômeno, muito recente, pois estamos no período em que ele ainda está ocorrendo sensivelmente, utilizei também, bastante material de periódicos, em virtude da dificuldade de ser encontrada bibliografia referente ao assunto. Resolvi, para melhor compreender o fenômeno inverso da migração, fazer uma visão geral das décadas (iniciando com a de 1950 – que foi a década onde as migrações de nordestinos para as cidades de o Rio de Janeiro e São Paulo, deixou de ser pontual e passou a ser contínua e progressiva) e relacionar a situação econômica do período, tanto do Nordeste como do Sudeste brasileiros, com o aumento ou a redução dos fluxos migratórios entre as regiões. Após esta curta observação das décadas, na qual me ateno principalmente às questões econômicas, faço uma descrição com algumas reflexões a respeito das outras motivações causadoras do retorno dos nordestinos aos seus estados originais e que não são simplesmente econômicas.

O fenômeno da migração de nordestinos para o Sudeste brasileiro, com histórias mais ou menos semelhantes as do Sr. Rogério, do Sr. Antônio Ribeiro, do Sr. Augustinho e da Sr^a Lila, foi intenso principalmente nas décadas de 50, 60 e 70 do século passado. Isso ocorreu em virtude das grandes transformações econômicas havidas neste período e, como já citado anteriormente, devido ao paradoxo existente entre estes e os estados nordestinos.

A década de 1950 foi um período onde predominou uma espécie de euforia em relação ao futuro econômico brasileiro. Os anos presididos por Juscelino Kubitschek foram marcados por uma motivação e crença no desenvolvimento econômico do país como nunca houve igual. O Plano de Metas estabelecido pelo governo de Juscelino, que tinha como principal característica o desenvolvimentismo, foi responsável pela efetiva industrialização do Brasil, com o processo de expansão das industriais nacionais e a chegada das grandes empresas multinacionais, que trouxeram, como conseqüência, a abertura de um mercado de trabalho de dimensões vastas, uma vez que o processo de crescimento industrial, por seus efeitos multiplicadores, levou também a uma substancial ampliação do setor terciário. Este fator atraía as massas de pobres populares que estavam às margens do capitalismo e aspiravam nele adentrar. É nessa década que a população do Brasil passa de essencialmente rural a substancialmente urbana, e na área econômica, de eminentemente agrária a potência industrial. Esse processo de desruralização então experimentado, deve-se em grande parte a transferência de nordestinos, em especial baianos, pernambucanos e cearenses habitantes do sertão nordestino, para os grandes centros industriais urbanos.

Já à década de 60, concluído o Plano de Metas do governo de JK, o país tivera um impulso industrial significativo. Os anos 60 encontraram um Brasil mais sofisticado e mais complexo, porém menos eufórico que aquele da década anterior. Mesmo assim, surgiam novas necessidades e novos desafios, que uma vez vencidos geravam mais

diversidade e mais desenvolvimento. E nem mesmo o “ensaio” de uma estagnação ou mesmo um retrocesso econômico, ocorrido nos primeiros anos desta década, foi capaz de fazer cessar o resistente movimento migratório de nordestinos em direção ao Sudeste...

“A década de 50 foi melhor que a de 60 pra quem queria emprego melhor, era mais fácil arranjar... Eu fui em 63, porque lá, mesmo estando numa época ruim, pra trabalho, era muito melhor do que aqui, aqui não dava não...”²⁵ (sic)

A declaração acima deixa claro que os reflexos da euforia da década de 50 continuavam fortes, principalmente em localidades e em parcelas da população onde a informação era menos acessível, como era o caso do Nordeste, que continuou a ser uma fonte interminável de geração de mão-de-obra barata. Os grandes centros industriais, mesmo em períodos de estagnação, como foram os primeiros anos da década de 1960, tinham poder atrativo muito forte, mesmo porque em comparação ao lugar onde viviam, o semi-árido nordestino, cidades como São Paulo continuavam sendo, indubitavelmente, localidades onde as chances de se obter algum sucesso profissional eram mais sensíveis e reais.

A partir do ano de 1967, o Brasil superou a crise econômica iniciada no começo da década e retomou o crescimento. Iniciava-se neste ano o período que ficou conhecido como o “milagre brasileiro”, em virtude do crescimento vertiginoso da economia. Para se ter uma idéia, somente no ano de 1968, a economia brasileira cresceu 9,3%, graças ao desempenho da indústria, que se expandiu 15,5%.²⁶ As notícias acerca desse fator, a expansão da

25 - Declaração do Sr. Antônio Ribeiro

26 - www.bndes.gov.br

indústria, o “milagre brasileiro”, aliado aos benefícios econômicos por ele gerados, ou seja, o crescimento de outros setores que lhe estavam direta ou mesmo indiretamente relacionados, se espalhavam rapidamente em todos os recantos do Brasil, até mesmo como uma forma utilizada pelo governo para se autopromover, e funcionava como uma injeção de ânimo no, já animado, movimento populacional existente entre as regiões em questão.

... A gente ouvia falar em todo lugar que, em São Paulo, havia muita oportunidade para quem queria vencer na vida, aliás, desde que minha família foi, nos anos 50. Parecia que o mundo todo estava indo pra lá, por que não eram só nós (os nordestinos) que ia pra lá, não. Tinha muito estrangeiro por lá também; era judeu, português, italiano, chinês, japonês... E aonde tinha estrangeiro, tinha uma fabriquinha, uma padaria, uma lojinha... E tinha que ter alguém pra trabalhar nesses negócios. Era por isso que tanta gente estava indo pra lá, tinha muito trabalho! (sic)²⁷

Os primeiros anos da década de 1970 foram de grande euforia. Entre 1970 e 1973, a economia brasileira cresceu em torno de 10% ao ano, efeitos do “milagre brasileiro”. Cresciam a produção industrial e as exportações, estas chegaram a aumentar 40% ao ano; consolidava-se a sociedade de consumo; a classe média passava a ter carro, casa própria, eletrodomésticos – a Consul comemorou com muito alarde, no ano de 1972, o fato de ter atingido neste ano a marca de um milhão de refrigeradores fabricados no Brasil, o que era um autêntico êxito! - o setor voltado para o lazer também crescia velozmente; tudo isso significava a expansão de vários outros setores, como o de serviços; surgiam os grandes supermercados, bem como os *shoppings centers*; predominavam os índices econômicos

²⁷ - Declaração obtida em entrevista com o Sr. Antônio Ribeiro

positivos. E coincidentemente, a vitória da seleção brasileira na Copa de 70, parecia confirmar o slogan “*Ninguém segura este país*”, divulgado pelo governo e repetido por todos aqueles que viam o seu padrão de vida melhorar. Entretanto, o Nordeste vivia uma fase à parte, persistiam os problemas de sempre e milhares de nordestinos continuavam a “fuga” rumo aos grandes centros “onde havia desenvolvimento.”

Mas a década de 1970 terminou com um Brasil bem diferente do que começara. A euforia dava lugar a uma forte crise, que mergulhou o Brasil num momento de depressão econômica, a década de 1980, “a década perdida”. Para se ter uma idéia da crise estabelecida na década de 1980, a produtividade industrial praticamente se estagnou, com um crescimento de 0,2% ao ano. Com isto, os problemas sociais agravaram-se, voltou a crescer o contingente de pobres e miseráveis, a desigualdade aumentou e alguns segmentos das classes média e média baixa tornaram-se mais vulneráveis.

A estagnação da indústria, que era o principal motor dos movimentos migratórios provenientes do Nordeste, provocou de imediato uma redução brusca destes movimentos. Se nos anos da década de 1960, chegavam, somente à cidade de São Paulo, cerca de 128 mil migrantes por ano, na década de 1980 a média anual caiu para 68 mil, segundo dados do Seade (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados), fundação pertencente ao estado de São Paulo. Chegava-se então, ao fim os “anos dourados” da migração para os nordestinos. O que se vê a partir desta década, a de 1980, é um acréscimo substancial nos problemas sociais urbanos, como o desemprego em taxas elevadas, a violência em grandes escalas, habitação insuficiente ou existente, mas em péssimas condições devido a falhas de saneamento, graves comprometimentos da saúde pública, em virtude da assistência deficiente, dentre outros transtornos independentes ou decorrentes destes citados. Não que estes problemas já não existissem de forma já acentuada

anteriormente, mas em décadas passadas eles eram, digamos, sobrepostos pelos fatores positivos. Agora a situação estava invertida, embora ainda houvesse, em estados como o do Rio de Janeiro, melhores oportunidades de trabalho em relação aos estados nordestinos, todo o clima gerado pela crise econômica acabava por sobressair-se frente ao que havia restado das boas oportunidades oferecidas.

A situação instalada nos grandes centros industriais agora era grave. A mão-de-obra nordestina que outrora havia sido imprescindível para o desenvolvimento econômico-industrial da região, agora em excesso e ociosa, aliada aos migrantes provenientes de várias outras localidades que não o Nordeste, também em excesso e ociosos, havia se tornado em um dos principais responsáveis por uma série de conflitos sociais instalados.

Constata-se que, o crescimento desordenado e acelerado ocorrido nas décadas passadas, foi proporcionalmente acompanhado pelo desenvolvimento da favelização - de acordo com a Prefeitura Municipal de São Paulo, entre 1973 e 1987, enquanto a população total do município cresceu 60%, o número de residentes em favelas aumentou mais de 100% -, da marginalidade, da ilegalidade e de outras tantas mazelas sociais próprias dos grandes centros urbanos rapidamente desenvolvidos.

A década de 1990, embora com alguns dos maiores problemas econômicos brasileiros -como por exemplo a superinflação - sob controle, não diferiu muito da década anterior, pelo contrário, problemas como o da habitação continuaram a crescer. Em 1996, 7,61% dos paulistanos, ainda segundo a Prefeitura Municipal deste município, residia em favelas. No Rio de Janeiro, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, os favelados passaram de 7,13% da população em 1950, para 17,57% em 1991. Os anos que se seguiram foram palco da continuidade do crescimento deste preocupante problema e dos que deste decorrem.

dados da Frente a essa situação desfavorável à migração (Nordeste-Sudeste), houve uma redução brusca nesse fenômeno e uma outra espécie de movimento populacional toma força, já na década de 1980. Se com o passar dos anos o Sudeste já não exercia elevado fascínio frente aos estados do Nordeste, agora ele passa a experimentar um outro fenômeno que refletia a sua atual situação, a remigração. Os nordestinos que outrora partiram em direção ao Sudeste brasileiro procurando encontrar uma situação melhor, uma vez vendo a dificuldade que estavam enfrentando para se inserir no mercado de trabalho, cada vez mais competitivo e difícil, agora retornavam à sua terra de origem. Muito contribuiu para esses fatos, tanto a redução de evasão de nordestinos quanto o retorno de muitos dos que antes haviam se evadido, o imediatismo das informações do período. Na década de 1980 já é bastante comum ter aparelhos de TV na casa dos nordestinos. Sendo assim, as informações acerca de violência, do desemprego, da desordem pública, que antes demoravam a chegar até aos nordestinos, e quando chegavam ainda tinham que “competir” com as boas informações relativas às grandes oportunidades ofertadas pelo Sudeste do Brasil, agora eram vistas diariamente e de forma concreta e não tinham as boas notícias para contrastar. Por outro lado os habitantes do Sudeste também acompanhavam, pelos mesmos noticiários, informações relativas ao desenvolvimento econômico que estava ocorrendo nos estados nordestinos. Desta forma, as grandes cidades do Sudeste não somente não eram mais tão atraentes, como, em virtude dos fatos já citados, de certa forma “repeliam” os seus habitantes, principalmente aqueles que não eram naturalmente seus.

Segundo dados do IBGE, no censo demográfico realizado em 1995, houve um acréscimo muito expressivo no número de entradas na região Nordeste. Segundo os pesquisadores, isto é decorrência do fenômeno da remigração; os nordestinos estão voltando, tanto por terem conseguido prosperar quanto por frustração. De acordo com

dados da mesma fonte, as saídas da região Sudeste para a região Nordeste representam 48,3% do total, ou seja, quase metade das pessoas que deixam o Sudeste do país se dirige ao Nordeste. Obviamente não é a totalidade destes quase 50% que são remigrantes, mas é sim, a maioria!

No entanto, a real mola propulsora do fenômeno do retorno dos nordestinos não venha a ser os transtornos em massa existentes nas grandes metrópoles industrializadas; se formos observar os dados do IBGE, que apontam este fenômeno, vamos constatar o fato de que estas remigrações só passam de fato, a representar algo relevante, no momento em que o Nordeste passa a apresentar um relativo desenvolvimento industrial, ou seja a partir da década de 1980. Muitos nordestinos que estavam em cidades como São Paulo e que, de uma forma ou de outra, estavam insatisfeitos com a situação em que estavam inseridos, ao tomar conhecimento do incremento industrial nordestino, logo cogitavam ser essa a sua oportunidade de retornar.

O Nordeste vinha crescendo a passos largos em um setor especificamente, o de turismo. As belezas naturais da região, agora eram fontes geradoras de desenvolvimento. Se antes a imagem predominante em relação ao Nordeste era a de uma região pobre, com problemas ligados à seca e a miséria, agora esta tradicional visão dividia as atenções com a imagem das praias paradisíacas, do litoral belíssimo com enorme potencial turístico. O turismo em largo desenvolvimento na região não somente atraiu empreendimentos turísticos para o Nordeste, como construções de parques aquáticos, grandes hotéis, mas também favoreceu a especulação imobiliária no entorno das muitas praias da região, principalmente em cidades como Recife (PE), Fortaleza (CE) e Salvador (BA), que gerava milhares de oportunidades de emprego na área da construção civil.

Durante a década de 1980, a maioria dos estados nordestinos apresentou altas ou bastante razoáveis taxas de crescimento em níveis muitas vezes superiores à média do país. Isso obviamente, não se deu somente em virtude do *boom* do turismo da região. Muito contribuiu para referido desenvolvimento econômico os diversos investimentos havidos nas mais diversas áreas da economia nordestina. É o caso da Bahia, com o Complexo Petroquímico de Camaçari; do Maranhão, com os benefícios de um projeto siderúrgico; de Sergipe, com o petróleo, o gás natural e sais de potássio (investimentos da Petrobrás e da Cia. Vale do Rio Doce), e do Rio Grande do Norte com o impulso da atividade petrolífera, além da expressiva atividade de fruticultura no oeste do Estado.²⁸

Como se percebe o crescimento do Nordeste, nesse momento, é muito ligada à suas riquezas naturais. Somente na década de 1990 é que a economia do Nordeste se desenvolve em setores não tão intimamente ligados à natureza. Nos anos compreendidos entre 1995 e 2000 a economia nordestina mostra-se mais dinâmica que a média do restante do país, sendo uma das principais razões para essa constatação o impulso da indústria e do setor de serviços na região. Desta forma e a partir da verificação destes fatos retro mencionados, que se faziam notórios desde o início da década de 1980, retornar ao Nordeste já não era mais sinônimo de retornar para a agricultura, ou regressar para a fome, tampouco voltar para o seco sertão. Voltar para o Nordeste, agora, era voltar para uma terra em sensível desenvolvimento. Para muitos que cogitavam a possibilidade de voltar para à sua terra de origem, o Nordeste era o lugar escolhido para dar continuidade ao “sucesso” obtido no Sudeste do país, pois muitos eram o que pretendiam, de uma forma ou de outra, empreender quando chegassem ao Nordeste, tirando assim proveito do relativo desenvolvimento havido na região...

28 - ARAUJO, Tarcísio Patrício de. *Nordeste: economia e mercado de trabalho*. p.59

“O tempo que eu passei no Rio de Janeiro foi suficiente pra eu casar, ter filhos, trabalhar, juntar meu dinheiro... quando as coisas começaram a ficar difíceis pra todo mundo, eu decidi pegar minhas economias e vir embora pra cá (Natal-RN), eu sabia que por aqui as coisas não estavam como antigamente, Natal já tava crescendo, eu podia muito bem pegar meu dinheiro, comprar uma casa e montar um negócio pra mim, pra eu me virar por aqui...”²⁹

Pelas entrevistas que fiz, percebi algo curioso. Os nordestinos que experimentam a migração se percebem com um certo grau de superioridade em relação aos que nunca migraram, como se tivessem experimentado algo que os deixa mais aptos, mais hábeis para o mercado de trabalho que os demais. E de acordo com as mesmas fontes esta visão “vai e volta”, ou seja, não somente parte dos migrantes em relação aos não migrantes, a recíproca é verdadeira...

“Ah! Quando alguém dizia que ia embora pra São Paulo era um acontecimento! Tanto o povo ficava falando demais, invejando ou simplesmente admirados, como quem ia, muitas vezes ficava orgulhoso, se achando... Quando um voltava então...! Parecia que tinha voltado do céu! as meninas queriam namorar, todo mundo queria se aproximar...”³⁰

Partindo destas informações, não fica difícil supor, embora eu não tenha encontrado nenhuma pesquisa ou estudo que isto ateste, que quando os nordestinos residentes no Sudeste do país cogitavam o retorno ao Nordeste, imaginavam ter preferência em relação aos outros para ocuparem uma eventual vaga de emprego existente, ou mesmo imaginavam

29 - O declarante, hoje é taxista e corretor de imóveis, residindo em Natal/RN.

30 - Palavras da Sr^a Lila.

ter uma certa facilidade em empreender com sucesso na sua terra de origem. Talvez com isto se explique a certeza do Sr. Rogério, na citação *retro*, de ser bem sucedido no empreendimento que aqui desenvolveria, ou ainda a declaração entusiasmada do Sr. Antônio Ribeiro em relação à sua filha:

“Minha filha é inteligente! Fez faculdade em São Paulo! Consegue emprego fácil por aqui!”

Talvez esta visão seja uma das razões mais fortes que encorajam os migrantes nordestinos a remigrarem. Ter morado em São Paulo ou no Rio de Janeiro é como possuir o certificado de um curso de qualificação profissional no curriculum.

Mas, de fato, segundo uma Pesquisa de Padrão de Vida feita pelo IBGE em 1996, embora os nordestinos que chegavam ao Sudeste fossem menos qualificados e menos instruídos que os habitantes lá residentes, de forma geral estes estavam acima da média dos seus conterrâneos; muito embora esta mesma pesquisa aponte que entre os nordestinos que chegam ao Sudeste, 48,6% exercem trabalhos manuais não qualificados, 18,5% são trabalhadores manuais qualificados, enquanto 13,5%, embora não sejam trabalhadores manuais, se encontram em áreas que não exigem formação profissional. No entanto, o fato a ser aqui considerado, é que esta subjetiva sensação de superioridade e a quase certeza de recolocação no mercado de trabalho ao chegar ao Nordeste, podem ser considerados como importantes fatores na hora de remigrar.

Observando o relativo desenvolvimento do Nordeste no período em questão e o número crescente de remigrações no mesmo período, se pode chegar à conclusão de que não se pode cometer o engano de responsabilizar os problemas sociais havidos na região

Sudeste, como o único motivo que levou os migrantes nordestinos a regressarem à sua região de origem, pelo contrário, talvez um dos mais relevantes motivos que ensejaram o acréscimo de remigrações ao Nordeste seja o fato de que passou a ser mais freqüente as ofertas e oportunidades oferecidas pela região; não seria heresia afirmar que, caso o Nordeste não tivesse experimentado, no período, este relativo desenvolvimento, as remigrações seriam sensivelmente inferiores as que de fato ocorreram.

Entretanto, ainda não se pode creditar totalmente ao relativo desenvolvimento do Nordeste, os movimentos de retorno dos nordestinos, afinal, mesmo tendo, a referida região, no período, uma economia dinâmica, esta ainda era claramente inferior e menos influente do que a economia do Sudeste, conseqüentemente as oportunidades havidas nos Nordeste ainda eram menores do que as oferecidas no Sudeste do país, e isto ainda é, hodiernamente, um incontestável fato. Desta forma, se estados com Rio de Janeiro e São Paulo ainda ofereciam maiores oportunidades, se a economia do Nordeste, embora em ascensão, ainda era uma incógnita, se muitos nordestinos migrantes tinham obtido um relativo sucesso no sudeste do país, como é o caso de todos os entrevistados deste trabalho, por que retornar ao Nordeste? O que, de fato, pode ter determinado esta volta?

Fazendo estes questionamentos, voltei a analisar as entrevistas feitas para fundamentar este trabalho e pude perceber algo que não estava tão escondido assim e para que fosse percebido, bastava uma análise mais atenta. Por trás de todas as explicações, independentemente destas envolverem aspectos econômicos, qualidade de vida, violência urbana, o que de fato parece mover as remigrações é algo mais subjetivo, mais íntimo e pessoal, algo que, embora não confessem abertamente, sempre acabam deixando escapar em suas declarações. Razões ligadas a complexo de inferioridade, saudades, orgulho,

nostalgia, parecem sempre ser o verdadeiro motor das remigrações e o desenvolvimento econômico da região Nordeste apenas a desculpa mais racional encontrada.

Sabe-se que grande parte dos nordestinos nunca conseguiu se adaptar as “Sul”, como estes mesmos falam: *“lá era tudo muito diferente!”*. Desde o momento em que se deparavam com a realidade dos grandes centros urbanos e sentiam o choque cultural, social, ficavam incomodados, se sentindo, no mínimo, diferentes. Talvez fosse estranho de repente passarem a ser genérica e pejorativamente chamado de baiano ou de paraíba, de uma hora para outra serem motivos de piadas devido ao modo de falar, de se vestir, de se tratar, de andar, devido aos gostos musicais e artísticos; muitos talvez não conseguiram compreender o fato de que os paulistas e cariocas os tratavam com desdém, com um ar de superioridade; é importante citar o fato de que isso não partia somente dos “sulistas” - como parte dos nordestinos genericamente se referia aos habitantes do Sul do país - eles próprios se percebiam diferentes; os seus costumes, modos, hábitos sócio-culturais eram outros e isso fazia com que se sentissem como estranhos, excluídos do processo de “evolução” da sociedade com o qual se deparavam. É importante aqui ressaltar que os setores da economia que mais empregavam os migrantes recém-chegados eram a construção civil (ajudante de pedreiro) para os homens, e emprego em casa de família (doméstica) para as mulheres, empregos de nenhum prestígio social.

Ao serem perguntados se sentiam o preconceito por serem nordestinos, por exemplo, todos, sem exceção, disseram que não sentiam, mas no decorrer da conversa sempre deixavam escapar declarações que evidenciavam este sentimento:

“Quando cheguei lá, eles me olhavam torto, ninguém queria ser meu amigo... mas eles eram mais pobres que eu! Eu lembro que na hora do almoço, todo mundo comia

arroz branco com ovo, só eu tinha feijão, bife... Eles ficavam perguntando de onde é que eu tinha tirado... Um dia peguei uma discussão com um deles e a gente saiu no tapa, ele não me respeitava... Aliás, passei esse tempo todo lá e pra eles eu sempre fui nordestino, baiano... Ou seja, sempre fui um estranho, um diferente, um estrangeiro. Eu ficava chateado por que italiano era paulista, nordestino não. Nordestino não era paulista nunca! O que me deixa chateado é que, quando chega um paulista aqui, ninguém fica dizendo que ele é retirante, forasteiro..." (Antônio Ribeiro)

O sentimento de rejeição experimentado pelos migrantes certamente influenciaria na tomada da decisão do retornar ao Nordeste. Mas este sentimento, o de rejeição, estava aliado a outros, igualmente fortes e decisivos, como por exemplo o amor à terra e as saudades dela:

"Se a gente fosse analisar, a gente tinha muito mais motivos pra ficar lá do que pra vir morar aqui novamente. Os nossos filhos estão lá, nossos netos... A gente, lá, tem casa, conforto... nossos filhos todos trabalham e não deixam faltar nada... até relutaram pra gente não vir, dizendo que nós já estamos com idade e que aqui não vai ter quem cuide da gente quando houver necessidade... Mas, desde que a gente foi embora que o nosso sonho era retornar pra cá, não importava se fosse pra Natal (onde estão alguns familiares), pra Macaíba (cidade natal) ou pra Lucrecia (terra natal do Sr. Augustinho), mas a gente tinha o sonho de voltar e graças a Deus voltamos. Aqui é nossa terra, aqui está nossa gente, nossa história... a gente passa e fica lembrando: aqui a gente se conheceu, aqui isso, ali aquilo!..." (Maria Varela)

Ou o orgulho...

“Quando vim embora do Rio de Janeiro, eu tinha vontade de conseguir mais dinheiro aqui do que lá, só pra mostrar que aqui também era bom, que dava pra viver...”

(Rogério)

Em cada relato ~~se~~ ^{se} percebe uma motivação que se sobrepõe às demais, no entanto, em todas elas percebemos a influência da não adaptação ao cotidiano do Sudeste do país. E refletindo sobre as informações prestadas pelos remigrantes vemos uma tríade de motivações responsáveis pelo regresso ao Nordeste: a estagnação do Sudeste com suas implicações negativas, o desenvolvimento do Nordeste com suas conseqüências positivas, e o aspecto subjetivo, que provavelmente seja o principal responsável pelo fenômeno em questão. Na minha opinião, seria difícil imaginar o retorno de tantos que um dia migraram, não fosse o aspecto subjetivo destes.

Para conclusão deste capítulo, cito ainda, outro fator importante, relativamente aos dados do IBGE, que apresentaram um número alto de “entradas” no Nordeste a partir da década de 1980. Não foram somente os problemas sociais do Sudeste e o crescimento econômico do Nordeste ou os aspectos subjetivos dos migrantes que propiciaram esta constatação. Um destes fatores, que certamente contribuem para esse acréscimo de remigrantes é a existência da “migração relâmpago”. Este é um fenômeno que passa a ocorrer com muita freqüência nas migrações atuais. Recebem este nome devido ao curto espaço de tempo compreendido entre a ida e a volta dos que a experimentam; se anteriormente um migrante chegava a passar 20 ou 30 anos em São Paulo, isto quando não se estabelecia por lá definitivamente, a partir da década de 1980 são recorrentes os casos da

“migração a curto prazo”, durando estas em média cinco anos. Em uma reportagem publicada pelo periódico “O Estado de São Paulo”, que possui como título “Os nordestinos estão de volta para casa, aponta IBGE”¹⁵⁴, o responsável pelos dados de migração do Censo, Fernando de Albuquerque, diz que este retorno se dá ou por sucesso ou por infelicidade e aponta que aqueles que estão voltando por fracasso em geral são mais jovens e/ou não encontraram boas chances no Sudeste.

Hélio Dantas Duarte, hoje chefe de gabinete da SEPLAN (Secretaria de Planejamento e das finanças – RN) é um exemplo destas migrações:

“Fui para São Paulo em julho de 1985 e permaneci até janeiro de 2003. Na época tinha dezenove anos, nunca tinha trabalhado e vivia às custas de meus pais. Fiz o meu primeiro vestibular na UFRN e não passei. Tinha muita vontade de trabalhar e viver independente financeiramente. Fui na companhia de alguns amigos de Lucrécia (cidade do interior do RN), que trabalham em sua grande maioria em serviços (bares, restaurantes, etc.) Inicialmente trabalhei em um restaurante, como eles... em 1988 fiz vestibular para direito em uma Universidade, concluindo o curso em 2001... como todo nordestino que migra para São Paulo, fui com a mente, o coração e os olhos voltados para o “Norte”... No início de 2003, um amigo de infância, Vagner Araújo, que é Secretário de Estado do Planejamento e das Finanças, me convidou para trabalhar com ele, onde estou desde aquela data.”

Dentre os amigos do Sr. Hélio Dantas Duarte, segundo informações do mesmo, uns também já retornaram e os que lá permanecem, ainda continuam trabalhando no setor de serviços, alguns deles esperando uma “boa” oportunidade para voltar.

Mas apesar da verificação do fenômeno da remigração de nordestinos nos dias atuais, não se pode cometer o equívoco de achar que a situação, hodiernamente, está invertida. Segundo dados do IBGE, o número de nordestinos chegando ao Sudeste, apesar dos novos tempos, continua alto. O Censo de 1991 registrou a chegada de 917 mil nordestinos no Sudeste, e as motivações para migrar ainda não diferem muito daquelas citadas no primeiro capítulo deste trabalho. O Nordeste ainda é a região mais problemática e pobre do Brasil e os valores e tradições se encontram, ainda, fortemente arraigados na população desta região, principalmente na fatia da sociedade mais carente e sem acesso à educação e às informações. Pode-se dizer também que, se por um lado as migrações relâmpagos, citadas no terceiro capítulo, incrementam os números dos movimentos de remigrações, por outro, elas também inflacionam os números dos movimentos populacionais de saída da região Nordeste.

Entretanto, embora a quantidade de migrantes nordestinos ainda impressione nos dias atuais, pode se constatar facilmente, que estes são muito inferiores aos registrados em décadas como as de 1950 e 1960. Segundo Fernando de Albuquerque, responsável pelos dados de migração do Censo de 2000, realizado pelo IBGE, a tendência no Brasil, é de redução no movimento migratório, especialmente em grandes distâncias, isto devido à diminuição progressiva das disparidades regionais brasileiras e em virtude do “equilíbrio” de dificuldades encontradas para se obter boas oportunidades em todas as regiões do Brasil. De qualquer forma, a região Nordeste continua sendo a campeã em fluxos migratórios, para que se tenha uma noção, foram 1.457,360 saídas entre 1995 e 2000 – um aumento de 7,6 % em relação ao período compreendido entre os anos de 1986 e 1991. Há porém nestes dados, considerações a serem feitas. Embora ainda, o Nordeste seja o maior pólo emissor de migrantes, os destinos destes foram ampliados, o que se nota agora, é uma migração

expressiva para outras áreas além dos estados do Sudeste, como os estados do Pará, Tocantins e arredores de Brasília e Goiânia. Ainda segundo dados do IBGE, o único estado nordestino a ter saldo positivo nos movimentos migratórios é o Rio Grande do Norte, onde o número de entradas é levemente superior ao de saídas.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

Os movimentos migratórios havidos entre as regiões Nordeste e Sudeste, principalmente as ocorridas a partir da década de 1950, refletem bem o processo de desenvolvimento econômico desigual que se deu no Brasil. O Sudeste via-se se firmando como a região industrial mais importante existente no país e irradiava progresso e prosperidade para as demais regiões brasileiras. No Nordeste, ainda predominava um sistema econômico-social humanamente degradado e anacrônico, que era anacrônico e decadente. Frente a este paradoxo econômico, existiam barreiras físicas e com incentivos que tinham origem no Governo federal, influenciando o número de movimentos migratórios originários do Nordeste em direção ao Sudeste. Os que migravam, iam numa espécie de fuga do sistema em que estavam inseridos, com o intuito de alcançar melhores oportunidades de vida, se valendo da carência de mão-de-obra existente no Sudeste e que existia em abundância ociosa na região Nordeste.

CONCLUSÃO

Para chegarem ao destino almejado e atenderem às necessidades básicas do qual se achavam, até então, excluídos, os seringueiros nordestinos migrantes tinham de enfrentar diversas barreiras que se colocavam à sua frente. Estas dificuldades se mostravam, tão logo conheciam a possibilidade de migrar, pois para efetivação da migração era necessária a obtenção de recursos econômicos para a viagem e a subsistência no semi-árido nordestino. Na prática, não se conseguia superar essas barreiras existentes, e levava de migrantes temporários para trabalhar nas grandes centrais industriais brasileiras, em especial as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

Com o passar dos anos, as oportunidades de emprego e melhores de vida que atraíam os migrantes brasileiros, declinaram progressivamente e a massa de

CONCLUSÃO

Os movimentos migratórios havidos entre as regiões Nordeste e Sudeste, principalmente as ocorridas a partir da década de 1950, refletem bem o processo de desenvolvimento econômico desigual que se deu no Brasil. O Sudeste vinha se firmando como a região industrial mais importante existente no país e irradiava progresso e prosperidade para as demais regiões brasileiras. No Nordeste, ainda predominava um sistema econômico-social intimamente ligado à agricultura, que era anacrônico e decadente. Frente a este paradoxo econômico existente entre as regiões e com incentivos que também partiam do Governo Federal, inflaciona-se o número de movimentos migratórios originários do Nordeste em direção ao Sudeste. Os que migravam, iam numa espécie de fuga do sistema em que estavam inseridos, com o intuito de alcançar melhores oportunidades de vida, se valendo da carência de mão-de-obra existente no Sudeste e que existia em abundância ociosa na região Nordeste.

Para chegarem ao destino almejado e adentrarem ao sistema econômico do qual se achavam, até então, excluídos, os sertanejos nordestinos migrantes tinham de enfrentar diversas barreiras que se colocavam à sua frente. Estas dificuldades se mostravam, tão logo cogitavam a possibilidade de migrar, pois para efetivação da migração era necessária a obtenção de recursos financeiros, coisa rara e difícil no semi-árido nordestino. No entanto, não eram poucos os que venciam esta e as demais barreiras existentes, e levadas de migrantes chegavam aos destinos mais cobiçados, nos grandes centros industriais brasileiros, em especial os estados de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Porém com o passar dos anos, as oportunidades de emprego e melhorias de vida, que eram abundantes no Sudeste brasileiro, declinaram progressivamente e a massa de

migrantes, que continuava chegando em grande quantidade, passa a se tornar num grave comprometimento da ordem social. Este fator provoca uma redução brusca nos movimentos migratórios originários da região Nordeste. Paralelamente à estagnação econômica iniciada no Sudeste, a região nordestina, embora com bastante atraso, passa a ter um relativo desenvolvimento econômico, principalmente em virtude de suas riquezas naturais abundantes. Constatando-se, a partir de então, o surgimento sensível do movimento inverso destes fluxos migratórios, Ou seja, a partir da década de 1980, quando o Nordeste passa a ter um dinamismo econômico, por vezes maior que o da média nacional, os movimentos populacionais de entrada na região passam a ser sensivelmente constatados, sendo que em sua grande maioria, os participantes desse novo fenômeno migratório em direção ao Nordeste, são integrantes do mesmo grupo de migrantes que se evadiram dela nas décadas anteriores, ou mesmo os seus descendentes.

BIBLIOGRAFIA

MENEZES, Maria Aparecida de. **Redes e enredos na trilha dos migrantes**. João Pessoa: Relume Dumará, ~~Set~~ 2002.

DURHAM, Eunice R. **A caminho da cidade**. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GARCIA, Carlos. **O que é Nordeste brasileiro**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. (Coleção Primeiros passos)

CAVALCANTI, Helenilda. **Movimentos migratórios na história do Brasil**. UFMG - Belo Horizonte: 2000. (Ed. da)

MOREIRA, Raimundo. **O Nordeste brasileiro: uma política regional de industrialização**. Bahia: Ensaio, 1991.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo Enxada e Voto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

DANTAS, Ibarê. **Coronelismo e dominação**. Aracaju: Gráfica Diplomata, 1987.

www.portaldobrasil.net

www.seol.com.br/rnnaweb

ANA – Agência Nacional de Águas. www.ana.gov.br

www.ibge.gov.br

Ordem alfabética

BIBLIOGRAFIA

MENEZES, Maria Aparecida de. **Redes e enredos na trilha dos migrantes**. Relume Dumará – Set. 2002.

DURHAM, Eunice R. **A caminho da cidade**. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão Veredas**. Ática. 1978.

CAVALCANTI, Helenilda. **Movimentos migratórios na história do Brasil**. UFMG – Belo Horizonte: 2000.

MOREIRA, Raimundo. **O Nordeste brasileiro: uma política regional de industrialização**. Bahia: Ensaio, 1991.

www.portaldobrasil.net

www.seol.com.br/rnnaweb

ANA – Agência Nacional de Águas. www.ana.gov.br

www.ibge.gov.br